

Ricardo van Steen
(São Paulo, 1958. Vive e trabalha em São Paulo)

Arquivo Tupi

A fricção entre tradição e contemporaneidade, explícita neste *Arquivo Tupi*, expressa-se via o meio fotográfico, em diálogo direto com a pintura e com a literatura do século 19 e do Modernismo no Brasil. À medida em que entramos em contato com questões específicas na obra, podemos aferir a percepção de um tempo presente que escorre – do qual não se pode escapar – e promove a tensão entre diferentes temporalidades, abrindo espaço a universos intangíveis por meio da linguagem.

O fascínio pelo trabalho dos artistas que vieram ao Brasil para acompanhar a colonização levou Ricardo van Steen à coleta de imagens por cerca de três décadas. Ao encontrar o Arquivo Tupi nos porões da antiga Secretária de Águas, vinculada ao IBAMA, ele inicia a criação de imagens que remetem à documentação científica e denuncia o atual processo de desaparecimento da água no Brasil. O ponto de partida são fotos, a maioria produzidas por van Steen e algumas encontradas em documentos antigos. A partir de uma série de operações que subvertem a função do fotográfico como registro ou representação do “real”, ele cria polaridades entre revelação e desaparecimento do referente, altera as cores para marcar a passagem do tempo, chegando, por vezes, a um quase apagamento das imagens, às quais aplica digitalmente camadas de história, pintando-as com aquarela ou tinta acrílica. A série é exibida como um objeto único numa urna com sete gavetas secretas, cada uma contendo uma vitrine envidraçada com as imagens arquivadas.

Ao escrever o célebre ensaio “A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin assinalava que a fotografia, ao multiplicar os seus exemplares, substitui o objeto único pelo objeto em série e atualiza o objeto reproduzido, por permitir que a reprodução alcance o receptor aonde quer que ele esteja. E afirmava que isto confere ao meio fotográfico a possibilidade de romper com a tradição, quebrando a aura da herança cultural.

Mas van Steen agora retoma esta aura quebrada em meados do século 20. Muitas vezes o artista reproduz e sobrepõe às paisagens captadas fotograficamente uma camada pictórica de folhagem pintada por Eckhout, ou um velho envelope encontrado no ateliê. E para validar, atestar e conferir crédito a todo este processo, ele sobrepõe mais uma camada, um carimbo, para configurar simbolicamente o lacre, o crédito final da imagem; ao retomar a ideia de objeto único, descarta o fim da aura e põe a atualidade em xeque.

A partir da ação que conjuga a incidência do digital na fotografia com a imagem artesanal da pintura, Ricardo van Steen faz um percurso de retorno na história das imagens, uma volta de 360 graus em relação ao legado de Benjamin, para romper com a ideia da reprodutibilidade em relação ao receptor e lhe oferecer um único original. Esta é uma mensagem que, afinal, pode ser traduzida como um desejo, uma emergência de refletir sobre o nosso tempo.

Quando os artistas deslocam a cronologia, que desejos transpiram, senão os de restabelecer uma ordem que sempre esteve deslocada e nos escapa? É justamente este ir e vir pelos séculos e a criação da confluência do olhar contemporâneo com os olhares do nosso passado via artistas viajantes, configurada por estas obras artísticas, que nos provoca. Por meio destas representações, somos confrontados com questões que se estendem no tempo por séculos e com o nosso eterno paradoxo: a tragédia e a delícia de sermos como somos e de viver por aqui.

Daniela Bousso, 2016